

## **A ESSÊNCIA DA TEORIA PSICANALÍTICA É UM DISCURSO SEM FALA, MAS SERÁ ELA SEM ESCRITA?**

***Maurício Eugênio Maliska***

Estamos em Paris, novembro de 1968, Lacan está para começar seu décimo sexto seminário. Momento de efervescência no cenário social e político da França que ainda suspira os inflados discursos de maio de 68. O auditório da Escola Normal Superior encontra-se lotado de analistas, analisantes, alunos, discípulos que vêm escutar Lacan. Mas antes mesmo do mestre francês dar início a sua cativante fala, há uma anotação no quadro negro: “A essência da teoria psicanalítica é ser um discurso sem fala”. Interessante notação, pois os seminários são essencialmente falados, tradicionalmente alicerçados sobre um ensino oral, diferentemente do ensino de Freud ancorado na escrita; mas, este seminário, em especial, começa sem fala, começa apenas com um escrito na lousa. Essa maneira peculiar de começar este seminário não é ao acaso, pois remete ao próprio enunciado que irá traçar a espinha dorsal daquele ano, pois mostra na letra, na escrita, no silêncio da voz de Lacan, que a essência da teoria psicanalítica é ser um discurso sem fala. Lacan não inicia falando, mas escrevendo, e nessa escrita mostra que a teoria é um discurso sem fala. Vamos tentar desdobrar este enunciado.

Começamos pela essência. Esse termo parece que só faz efeito no discurso analítico por um abuso, ou seja, a psicanálise não é essencialista, pois não está preocupada em buscar a essência, o âmago do ser, pois justamente o sujeito não é. Sua condição de sujeito remete ao assujeitamento ao inconsciente, remete aos significantes (representantes de representação) que lhe constituem como sujeito. Sua condição de existência não é essencialista como se houvesse um núcleo, um centro, mas sim uma condição provisória, instituinte por um descentramento da onipotência do eu para uma

representação simbólica. “Um sujeito é aquilo que pode ser representado por um significante para outro significante” (LACAN, 2008, p.21); e nisso está sua condição provisória e relativa à transitoriedade e a opacidade do significante. Transitoriedade porque “ninguém saberá dele, exceto outro significante” (LACAN, 2008, p.21) e opacidade porque “um significante não pode representar a si mesmo” (LACAN, 2008, p. 20). Dizer da essência é um abuso de termos. O que Lacan queria enunciar, não seria tão somente a importância e a relevância desse discurso? O discurso não pode ser essencialista, pois ele é constituído de significantes que deslizam na cadeia linguageira, não havendo uma essência, mas sim essa rede de significantes. Essência aqui parece remeter àquilo que é importante, relevante, ponto de destaque. O essencial para a teoria psicanalítica é ser um discurso sem fala. “Trata-se da essência da teoria, pois é isso que está em jogo.” (LACAN, 2004, p. 12).

Quanto à teoria psicanalítica, entendemos que não há uma separação radical entre teoria e prática, a teoria só existe em função da prática, ela é uma construção a partir da prática e que traz contribuições para esta. Neste sentido, quando Lacan diz “teoria psicanalítica” não se refere à outra coisa que a própria psicanálise. No entanto, quando Lacan se refere à essência ele parece dizer especificamente da teoria e isso não englobaria necessariamente a prática psicanalítica. Não se trata de buscar uma essência na prática analítica, mas a essência como algo relevante na teoria. O fato de uma remeter a outra, não cria uma homologia ou alguma esfera de igualdade entre teoria e prática, apenas mostra as suas relações de indissociabilidade ou de correlação. O importante é manter suas diferenças, ou seja, a teoria é o campo do ensino, enquanto a prática é o campo da transmissão em psicanálise. Nem tudo da prática pode ser dito na teoria, a teoria não pode abarcar, não de todo, a prática, ao mesmo tempo ela não pode se furtar de dizer algo, ainda que sem fala, sobre a prática.

Mas afinal, o que é um discurso? É justamente o que Lacan vai se ocupar neste seminário, pois, neste momento, ele havia finalizado o seminário XV que tratava do Ato Psicanalítico. No XVI ele se lança a falar do discurso, mais exatamente do discurso psicanalítico, o que irá ter sequência no seminário XVII com os quatro discursos e nos seguintes até o seminário XX. Um discurso é aquilo que institui um determinado campo e tem consequências sobre ele. Neste sentido, Lacan (2008, p. 33) aponta que “todo discurso se apresenta como prenhe de consequências, só que obscuras”, e isso nos diz que o discurso é aquilo que tem consequências sobre um determinado campo. Por isso mesmo Lacan (2008, p.33) complementa: “estou dizendo que é o discurso da física que determina o físico e não o contrário. Nunca houve físico verdadeiro até que esse discurso prevalecesse”. Neste sentido, o discurso é aquilo que faz laço social, e nesse laço, podemos pensar que o discurso da histeria é o que possibilita a histeria e que faz com que a histérica possa ser tratada na psicanálise. Da mesma forma, o discurso psicanalítico tem consequências para a psicanálise, pois é o que institui a psicanálise. “O objeto *a* é efeito do discurso analítico e, nessas condições, o que digo dele é apenas esse próprio efeito.” (LACAN, 2008, p.45). “O que o discurso visa é a causa do próprio discurso” (LACAN, 2008, p.31) e nada mais somos do que consequências desse discurso.

O discurso remete a uma relação com o grande Outro, pois o inconsciente do sujeito é o discurso do Outro e não há, no campo do Outro, a possibilidade de uma consistência completa do discurso; assim como o próprio Outro também é inconsistente. Essa inconsistência parece ter relação com a verdade ou com a crise da verdade, pois a inconsistência do discurso pode ser justamente o fato dele não poder dizer, não de todo, a verdade. Não há o universo do discurso, e é justamente por isso que Lacan vai preferir um discurso sem fala. Vamos investigar melhor isso.

Quando Lacan diz que a teoria psicanalítica é um discurso sem fala não nos parece que ele esteja se referindo a prática clínica. Se fosse assim, isso pareceria um pouco estranho, pois como poderia ser a análise um discurso sem fala. Lacan (2008, p.19) mesmo pergunta em tom retórico e afirmativo: “o que fazemos na análise senão instaurar, através da regra, um discurso?” Isso quer dizer que na análise instauramos um discurso que não é sem limites, um discurso pela regra, pela lei da associação livre que o permite. Esse discurso não é sem fala, pois, em análise, não há um sujeito do enunciado que diz *eu digo* ou que declara *eu afirmo*. Em análise, não emerge nenhuma essência, mas uma transitoriedade do significante que representa o sujeito para outro significante. O sujeito fica aí descentrado, sem essência, “sufocado, apagado, no instante mesmo em que aparece” (LACAN, 2008, p.21). Não temos então um enunciado, mas uma enunciação de um sujeito em falta, provisório, sem nunca ser definitivo, que se produz por uma perda do objeto *a*. Este sujeito da enunciação é efeito de um discurso com fala, pois esta enunciação realiza o sujeito em sua fala plena, tal como Lacan (1998) apontou em seu Discurso de Roma, pois a fala plena é o efeito do discurso analítico no seio da própria análise, pois é nessa fala que desponta algo do significante que pode representar o sujeito para outro significante. Em relação ao significante, Lacan (2008, p. 16) deixa claro: “é com ele que lidaremos quando se trata daquilo que nos importa, isto é, da relação do discurso com a fala na eficiência analítica.”

O deslizamento do significante na cadeia linguageira faz com que o sujeito seja de igual forma deslizante, não essencialista, que sua fala também percorra um discurso não essencialista. Nesse deslizamento do significante há também o deslizamento do discurso no mercado do gozo, pois “o discurso detém os meios de gozar, na medida em que implica o sujeito” (LACAN, 2008, p.18). E mais adiante acrescenta que:

“Demonstrar como o mais-de-gozar decorre da enunciação, demonstrar que ele é produzido pelo discurso e aparece como um efeito, sem dúvida exigiria um discurso muito aprofundado.” (LACAN, 2008, p.18).

Nesse discurso mais aprofundado, trata-se de pensar que em torno do mais-de-gozar gira a produção do objeto *a*. Pois bem, o objeto *a* é justamente o resto, na operação de divisão do sujeito, o objeto que caí e a partir dessa queda se instaura não como um objeto perdido, mas um objeto em falta, constituído pela falta. Nessa perspectiva, podemos pensar que um dos efeitos do objeto *a*, além da própria instauração do sujeito do desejo, é que surge aí a fala. A fala que está no cerne da prática psicanalítica, a fala que promove a realização do sujeito enquanto tal; esta fala plena que opera no interior do discurso analítico.

Somente se pode falar em análise. A fala, entenda-se plena, é na análise, por um efeito do discurso analítico. Fora da análise, no campo da teoria, o discurso analítico é sem fala, pois justamente não se pode falar sobre a análise ou o que se passa na análise, pode-se sim, falar em análise. Neste sentido, não se pode falar da transferência, por exemplo, isso diz respeito à experiência inconsciente, pois a transferência é posta em ato na realidade inconsciente. Há um ato que aponta para um real indizível, algo que não se pode colocar, de todo, no simbólico mundo do significante. Da mesma forma, não tem como falar do inconsciente, isso seria alguma espécie de metalinguagem, uma linguagem que pudesse dar conta dela mesma. Falar o que é o inconsciente, é querer aprender pelo significante algo que é da ordem do indizível, é tentar que o simbólico abarque o real. A fala, bem sabemos, é inconsciente, mas isso não significa que se pode falar do inconsciente. Neste sentido, a teoria é um discurso sem fala, pois a fala é o deslizamento dos significantes na cadeia linguageira que marca a regra da associação livre. Tudo isso sob a égide do inconsciente.

A teoria não poderia ser senão esse discurso sem fala, pois a fala (plena) é a função e a linguagem o campo da palavra em psicanálise. A teoria, então, é o que se exige de um ensino que seja rigoroso, que faça definições, como a do significante apontada acima. Pois bem, Lacan não tenta esquivar a psicanálise quando ela é chamada a responder sobre uma crise do estudante com a Universidade, muito pelo contrário, ele afirma que: “Se a psicanálise não pode enunciar-se como um saber e ser ensinada como tal, ela não tem rigorosamente nada a fazer no lugar onde só se trata disso.” (LACAN, 2008, p. 19).

Isso tudo vem a calhar no fato de “que não existe universo do discurso” (LACAN, 2008, p. 14). “Em outras palavras, nenhum discurso pode dizer a verdade. O discurso que se sustenta é aquele que pode manter-se por muito tempo sem que vocês tenham razão para lhe pedir que explique sua verdade”. Mesmo não explicando a verdade, a psicanálise não pode se esquivar de dizer algo sobre a própria psicanálise, ainda que esse discurso seja sem fala ele não será sem a escrita, a psicanálise tem que se haver com o saber. “Quando um discurso se esquivava, vocês só têm uma coisa a fazer: é lhe perguntar por quê. Um discurso que não se articula por dizer alguma coisa é um discurso de vaidade.” (LACAN, 2008, p. 42).

## **BIBLIOGRAFIA**

LACAN, J. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro**. Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife. 2004.

## **SOBRE O AUTOR**

**Maurício Eugênio Maliska.** Psicanalista, membro de Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica. Psicólogo, mestre e doutor em Linguística pela UFSC, com doutorado sanduíche na *Ecole Doctorale Recherches en Psychopathologie et Psychanalyse de l'Université Paris VII*. Professor de Psicanálise no Curso de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).